Haiti: um olhar crítico sobre o processo de urbanização de Canaan após 2010

Ismane Desrosiers

ismane2012@yahoo.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o processo de urbanização de Canaan no contexto pós-terremoto de 2010 no Haiti. Para isso, procuramos fazer uma análise crítica da evolução dessa área da região metropolitana da cidade de Porto Príncipe, onde está ocorrendo um processo de urbanização caótica, evidenciada pela consolidação de bairros precários constituídos por iniciativas individuais por parte da população vítima do terremoto de 2010. Mostraremos como esse processo vem impactando ainda mais a problemática urbana na região metropolitana de Porto Príncipe. A metodologia utilizada no presente trabalho consiste numa coleta de informações baseadas nos livros, revistas técnico-científicas, periódicos e artigos científicos, sobretudo os que abordaram a questão de Canaan.

* * *

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização, Canaan, Região metropolitana de Porto Príncipe.

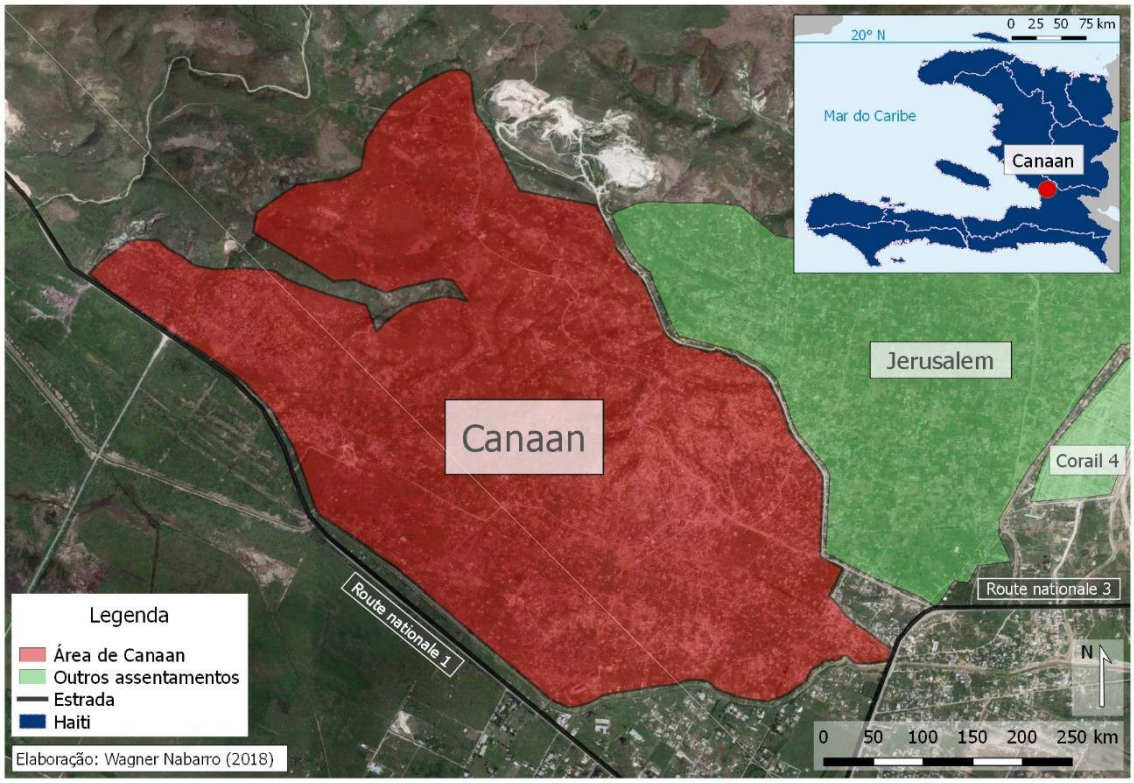
Introdução

Este artigo propõe discutir o processo de urbanização de Canaan no contexto pós-terremoto de 2010 no Haiti. A urbanização é um conceito geográfico que representa o crescimento acentuado do número de habitantes e do tamanho das cidades ao longo do tempo histórico. Para Lefebvre (2004, p. 15), a urbanização é um fenômeno que se impõe em escala mundial, e a sociedade urbana, aquela que nasce da industrialização, "é uma forma social que tenciona se afirmar. Com um sentido mais amplo, a cidade pode ser vislumbrada como um objeto espacial ocupando um sítio e uma situação, sendo mediada entre uma 'ordem próxima e uma ordem distante'" (LEFEBVRE, 2008, p. 83) e, ainda, como "a projeção da sociedade sobre um local" (LEFEBVRE, 2001, p. 56).

Em 12 de janeiro de 2010, um terremoto de magnitude 7.3 na escala Richter causou um intenso deslocamento de pessoas da capital haitiana Porto Príncipe para sua a área em seu entorno, que tinha, segundo o Instituto Haitiano de Estatística e de Informática (IHSI, 2009), cerca de 2,8 milhões de habitantes na época. Segundo o Banco Mundial (2011), o desastre causou prejuízos estimados em US$ 14 bilhões. Mais de 220 mil mortes registradas, 300 mil feridos, 1,5 milhão de desabrigados; 660 mil pessoas fugiram a cidade de Porto Príncipe. Contudo, o foco deste artigo é fazer uma leitura crítica da criação e evolução do espaço Canaan no contexto pós-terremoto, que está conhecendo um processo de urbanização caótica, oito anos após o terremoto que devastou a capital do Haiti. Canaan[1] (a terra prometida), também chamado de "Corail Cessless" ou "Jerusalem", é uma área localizada em Croix-des-Bouquets, um dos municípios da região metropolitana da cidade de Porto Príncipe que mais sofreu distúrbios após o terremoto de janeiro de 2010; é o maior espaço na proximidade da capital ainda não urbanizado.

1 A história do nome de Canaan é contada no livro bíblico do Êxodo (12: 41, 51) e relata que os filhos de Israel permaneceram no Egito durante séculos como escravos. Após a saída do Egito, passaram os primeiros quarenta e nove dias de liberdade no deserto, seguindo em direção ao Monte Sinai, local onde permaneceram aproximadamente por um ano e receberam os 10 mandamentos divinos, através de Moisés. O passo seguinte seria uma jornada de alguns dias em direção à Terra Prometida (naquele momento ainda conhecida como Terra de Canaã), que deveria ser conquistada e dividida entre as tribos formadoras do povo (MELAMED, 2011). No presente artigo, é o Canaan que surgiu no Haiti, principalmente, na região metropolitana da cidade de Porto Príncipe, após o terremoto de 12 de janeiro de 2010 que nos interessa.

Mapa 1. Localização geográfica da área de estudo.



Fonte: Elaboração Wagner Nabarro, 2018.

Um dos aspectos que torna o processo de urbanização de Canaan após o terremoto um caso de análise extremamente interessante é a opacidade total quanto a seu futuro, em termos de um projeto de desenvolvimento urbano por parte dos governos municipal e central. O que torna uma aglomeração uma cidade? Quais são as condições de vida dos moradores de Canaan, oito anos depois do seu surgimento?

De acordo com Milton Santos (1979, p. 71), para que exista uma cidade, devem haver necessidades que exijam ser satisfeitas regularmente [...], mas é necessário, por outro lado, que existiam atividades regulares especialmente destinadas a responder a essas necessidades. Apoiando-nos nesta reflexão de Milton Santos com relação ao que deve ser uma cidade, podemos dizer que é fundamental que haja atividades, as quais devem atender às necessidades da população local, e que, por sua vez, "[...] variam em função da densidade demográfica, das comunicações e da economia da região, bem como do comportamento socioeconômico de seus habitantes" (SANTOS, 1988, p. 15).

Considerando as características para definição de uma cidade do referido geógrafo brasileiro, vamos ver neste trabalho que Canaan está longe de ser considerada cidade, mas sim uma forte concentração humana que não possui suas necessidades básicas atendidas, oito anos após o início da sua formação. Além

disso, o urbano, que é a expressão da modernização de um sistema de organização de uma cidade, com seus traços distintivos, sua cultura, distancia-se do *bidonville*[2] (favela) da "cidade" de Canaan.

Figura 1. Vista área de espaço Canaan janeiro de 2010.



Fonte: Google Earth, 2010.

A figura 1 mostra o espaço Canaan, que foi definido como utilidade pública por meio do Decreto de 22 de março de 2010. Em seu processo histórico de formação socioespacial (SANTOS, 1979), esta área deserta era objeto, em 1971, de uma primeira declaração de utilidade pública para fins turísticos. Assim, após o terremoto, por uma iniciativa do governo e das principais organizações internacionais[3], um segundo Decreto, o de 22 março de 2010, declarou Canaan de utilidade pública. Sua finalidade era realocar certas vítimas do terremoto de 12 de janeiro de 2010 que viviam no campo de Petion-Ville, de condições geográficas perigosas, e acomodar cerca de 7 mil pessoas. Com este decreto, houve o confisco

2 Aglomeração de habitat precários feitos de materiais reciclados, acolhendo populações desfavorecidas na periferia de grandes áreas urbanas (DICTIONNAIRE FRANÇAIS, 1989).

3 Canaan foi originalmente projetado para acomodar 5 mil pessoas evacuadas de um campo na periferia de Petion-Ville e executado pelo ator Sean Penn e alguns agentes humanitários que queriam que esses refugiados fossem os primeiros, entre milhares de outros, a sair do centro da cidade de Porto Príncipe. Apesar da controvérsia sobre o espaço, as agências humanitárias, como a Organização Internacional para as Migrações (OIM), a World Vision e o Comitê Americano para os Refugiados (ARC), gastou-se mais de US$ 10 milhões para “planejar” o espaço, sem escolas, quadras de esporte, latrinas ou eletricidade, ainda com falta de água. Assim que as primeiras escavadeiras do Exército dos EUA começaram o nivelamento do solo, as pessoas, que não eram todas as vítimas do terremoto, começaram a chegar em dezenas de milhares, invadindo o espaço (ALTERPRESSE/AYITI KALE JE, 2013).

de vários terrenos para fins públicos, que foram identificados pelas suas coordenadas geográficas (ponto B: 788.486,84;2.061.596,09 e ponto B1:791.360,24; 2.063.980,60;) a 18 km de Porto Príncipe, de uma área de mais 11 km^2 (NOEL, 2012).

Em poucos meses, esse espaço conheceu um intenso processo de urbanização caótica, avançando para além da área que foi declarada de utilidade pública, o que mostra claramente a fraqueza das autoridades públicas e organizações não governamentais internacionais em termos planejamento e desenvolvimento urbano, contribuindo grandemente para fortalecer o caráter em grande parte irregular e desorganizado do desenvolvimento da "cidade" Canaan. Portanto, foi assim que surgiu a "cidade" Canaan, de uma superfície de 27 km^2, com uma população atual de mais de 200 mil habitantes (vítimas do terremoto e migrantes de diferentes origens) (ONU-HABITAT, 2015).

Desse modo, Canaan está sendo um fenômeno único em termos de urbanização, na medida em que esta área foi povoada por 60 mil pessoas em apenas 2 anos (DÉCIME, 2012), ou 200 mil em 5 anos (WELSH, 2015). Canaan seria, de acordo com a definição operacional da ONU-HABITAT (2003), uma verdadeira favela, ao privar seus domicílios de um ou mais dos seguintes serviços: acesso a água potável, saneamento básico e outras infraestruturas básicas, espaço de vida adequado, sustentabilidade da habitação e segurança de posse da terra (ONU-HABITAT, 2016).

Figura 2. Vista área do espaço Canaan em dezembro de 2010.



Fonte: Google Earth, 2010.

A figura 2 mostra Canaan "planejado". Segundo certos observadores que acompanharam a situação do Haiti após o terremoto, em geral os projetos propostos para a reconstrução são desconectados da realidade. É a visão de Priscilla Phelps, no documentário de Raoul Peck (2012), que diz:

> As pessoas veem o Haiti como uma lousa em branco sobre a qual podem projetar as ideias mais loucas. Alguém me ligou no outro dia para me falar sobre suas casas de plástico. Ele gostaria de vender suas casas de plástico. Ele as importaria sob a forma de pequenas unidades, e então contrataria haitianos para montar essas casas. Ele está convencido de que criaria empregos. Existem milhares de ideias loucas sobre habitação, mas também saúde, educação, como todo.

Em geral, o setor de ajuda mostrou que está mal equipado com relação a habilidades e ferramentas associadas a problemas urbanos no Haiti, tais como: mapeamento de planos urbanos, diagnósticos multidisciplinares, capacidade de consultoria com instituições locais para ajudar a estabelecer planos de orientação para o desenvolvimento urbano — expansão, habitação, esgoto, transporte — e o planejamento evolutivo do espaço Canaan. Embora uma agência das Nações Unidas, a ONU-Habitat, estivesse bem equipada e muito ativa nesse tipo de análise, o trabalho dessa agência não teve impactos sobre as condições de vida dos moradores de Canaan, oito anos após o desastre de 2010.

O papel das Organizações Não-Governamentais (ONGs) na criação de Canaan

As Organizações Não-Governamentais, de acordo com seu campo de ação, são geralmente classificadas em quatro grupos: humanitárias, desenvolvimentistas, ambientalistas e ativistas de direitos humanos. No entanto, a maioria das ONGs que atuam no Haiti após o terremoto são humanitárias e desenvolvimentistas. As cenas trágicas de destruição e sofrimento humano do terremoto de 12 de janeiro de 2010 levaram a uma onda sem precedentes de apoio internacional, resultando em uma conferência de doadores intitulada *Towards a New Future for Haiti* ("Rumo a um Novo Futuro para o Haiti", em tradução livre), em março de 2010, em Nova Iorque, EUA, que prometeram US$ 10 bilhões de ajuda humanitária e para a reconstrução do Haiti (BERNARD et al, 2011 apud LAHENS, 2013 apud DESROSIERS, 2016).

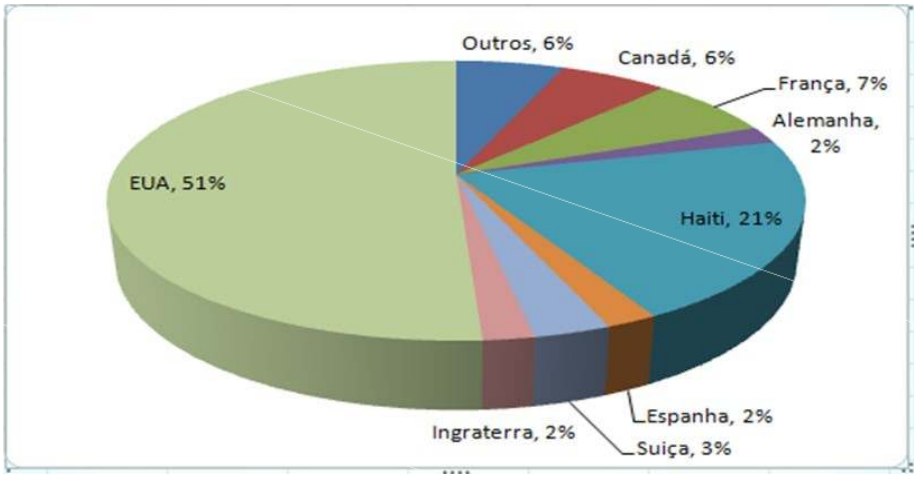
Contudo, os países doadores (EUA, França, Canadá, entre outros) acusavam a capacidade limitada do Estado haitiano e das instituições nacionais para gerar os fundos prometidos. Para Seitenfus (2010, p. 5), no entanto, essa visão trata-se de um discurso ideológico que abriu as portas para que as ONGs e os operadores privados viessem desempenhando um papel mais importante no Haiti e se tornando os principais canais para a ajuda externa ao desprezado Estado haitiano. No seu

artigo *Haiti and the NGOs/Prisoners on Their Own Island*, Ashley Smith (2011) afirma que:

> Após o terremoto, as potências imperialistas e ONGs internacionais levantaram bilhões de dólares com a promessa de prestar assistência às vítimas do terremoto no Haiti e, em seguida, reconstruir o país. Para ele, as ONGs são uma espécie de "imperialismo suave". No passado, o imperialismo era usado pelas instituições religiosas para justificar a conquista, colonização e pilhagem sob o pretexto de missão civilizadora, trouxeram a luz do cristianismo aos povos pagãos (SMITH, 2011 apud DESROSIERS, 2016, p 38).

De acordo com Edmund Mulet, antigo representante especial da ONU no Haiti e chefe da Missão das Nações Unidas para estabilização no Haiti-MINUSTAH (2010-2011), entre 2010 e 2011, cerca de 10 mil ONGs[4] funcionavam no território haitiano, principalmente na cidade de Porto Príncipe. No seu livro *The Big Truck that Went By*, Jonathan Katz (2013) lembra-nos "como o mundo veio salvar o Haiti e deixou um rastro de destruição". À Folha de S. Paulo (2015), o autor americano disse que a ajuda humanitária virou um negócio no Haiti. De acordo com Katz, são bilhões de dólares que fluem para as maiores organizações não-governamentais no Haiti. Holly (2012, p. 5), por sua vez, disse que as atividades das ONGs hoje se comparam às atividades dos sacerdotes da Igreja Católica durante a Segunda Revolução Industrial, que passaram esta mensagem para os pobres: "aceite seu destino, você será recompensado em vida após a morte".

Gráfico 1. Localização da sede das ONGs ativas no Haiti.

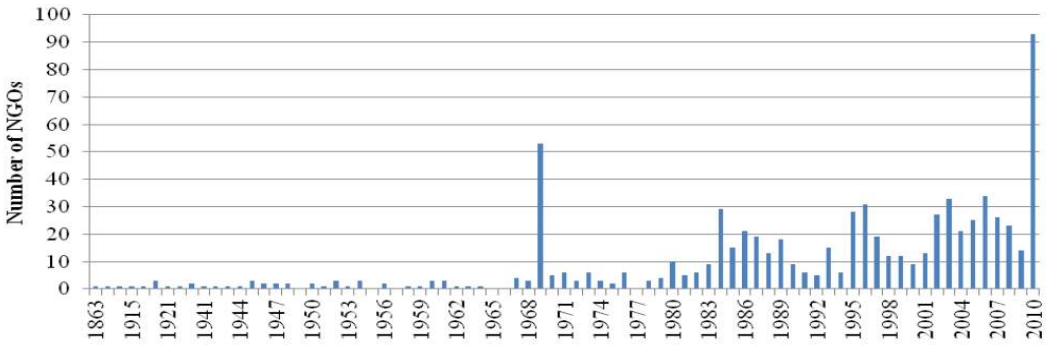


Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Ramachanran et al (2012, p. 22).

4 Segundo o Banco Mundial (2011), as ONGs internacionais são instituições de caridade globais que fazem levantamentos de fundos a partir de várias fontes, incluindo o público em geral, para apoiar a implementação de projetos nos países em desenvolvimento.

O Gráfico 1 mostra que 51% das ONGs que operam no Haiti estão sediadas nos Estados Unidos. Segundo Ramachanran et al (2012) isto não é surpreendente, apenas revela a interferência político-econômica dos EUA no Haiti pela proximidade geográfica.

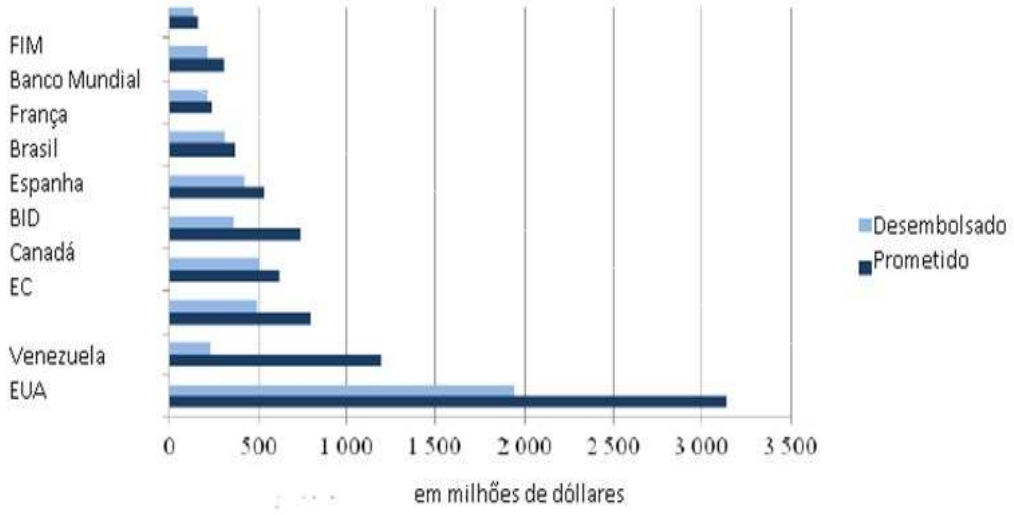
Gráfico 2. Histórico de implantação de ONGs ativas no Haiti.



Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Ramachanran et al (2012, p. 22).

O Gráfico 2 apresenta o número de ONGs no Haiti. Numa perspectiva histórica, nele observa-se um número relativamente baixo e estável de instituições de caridade entre 1863 e 1960. No final dos anos 1960, os números começaram a crescer, com o surgimento do movimento de ONGs internacionais no mundo todo. No entanto, o pico mais espetacular se deu em 2010, quando as ONGs foram multiplicadas. Assim, as agências humanitárias, ONGs, operadores privados e outros prestadores de serviços não estatais têm recebido 99% da ajuda humanitária, enquanto que menos de 1% foi para o Estado haitiano (RAMACHANRAN et al, 2012. p. 12).

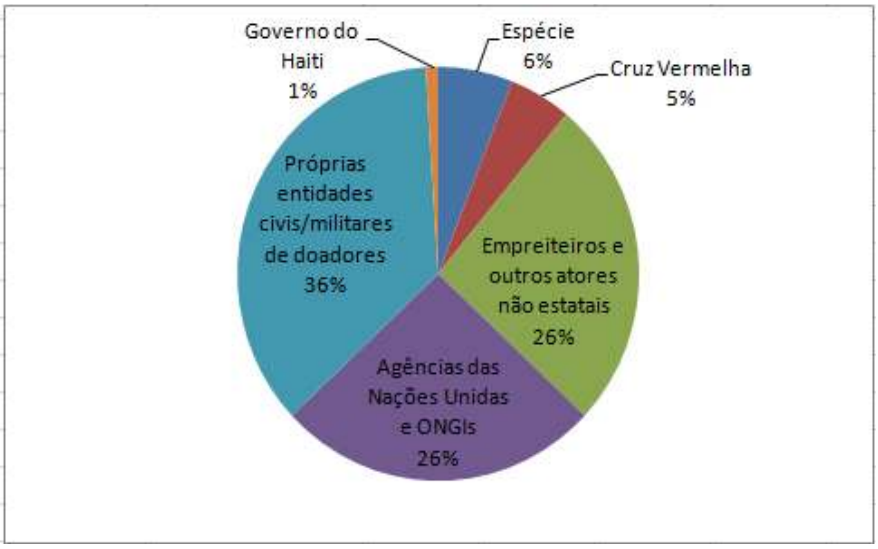
Gráfico 3. Os principais países e organismos doadores entre 2010-2011.



Fonte: elaborado pelo autor baseado em Ramachanran et al (2012. p. 6).

O Gráfico 3 apresenta os principais doadores após o terremoto no Haiti: entre 2010 e 2011, dos US$ 8,4014 milhões prometidos, US$ 5,3277 milhões foram desembolsados. Esses números não incluem doadores privados, incluem apenas a ajuda humanitária (RAMACHANRAN et al, 2012. p. 9).

Gráfico 4. Os beneficiários da ajuda humanitária no Haiti entre 2010-2011.



Fonte: elaborado pelo autor, baseado em Ramachanran et al (2012, p. 9).

O Gráfico 4 apresenta os beneficiários da ajuda humanitária no Haiti entre 2010 e 2011. Nela observa-se que a maior parte foi para entidades militares/civis, agências das Nações Unidas, ONGs, entre outros. Assim, no início da ocupação do espaço Canaan, em vez de o governo de então e as organizações não governamentais proporem uma política pública de habitações duráveis, os organismos internacionais envolvidos na realocação das vítimas do desastre de 2010 ofereceram a cada família uma barraca. Depois, a maioria dessas barracas foi substituída por *T-shelthers*, (moradia temporária) que, segundo o economista Raymond Lafontan, entrevistado no documentário Assistência Mortal, de Raoul Peck (2012), custam entre US$ 2 mil e US$ 3 mil. Assim, o governo e as organizações internacionais optaram pela construção de moradia temporária. Esses abrigos são frágeis, suas estruturas de madeira clara diferem do quadro de concreto armado com enchimento de blocos de concreto que é usado para moradias duráveis. Além disso, eles não são transportáveis. De acordo com Ian Davis, "a julgar pela experiência internacional, esses abrigos de baixa qualidade não serão demolidos, mas usados como casas por anos, o triste legado do desastre de 2010". Patrick Coulombel (2011, p. 22), por sua vez, diz: "Eu me oponho fortemente a este tipo de intervenção, não é uma boa solução porque é possível construir casas sustentáveis, isto é apenas uma questão de vontade". Segundo ele, a importação de abrigos para montar no Haiti é comercialmente interessante para os vendedores,

mas isso não ajuda o país a criar um mercado construtivo. Isso não promove o estabelecimento de setores econômicos de materiais de construção.

Para o autor, a estratégia de construção de abrigo de transição em si é um freio à reconstrução sustentável: perda de financiamento, perda de tempo, falta de "*savoir-faire*"; importações de materiais não renováveis têm impactos ambientais negativos sobre o espaço Canaan[5], que está passando por uma intensa transformação de sua paisagem. Os padrões que a Organização Internacional para as Migrações (IOM) tentaram impor (uma área mínima de 18 m^2) não são respeitados pelas muitas agências e ONGs atuando em Canaan. Além disso, muitos abrigos são mal adaptados: o calor é insuportável e há com inundações frequentes no período chuvoso.

Figura 3. Modelos de abrigos temporários.



Fonte: organizado pelo autor, 2018.

5 Uma vez lá, as pessoas cortaram as poucas árvores sem folhas que acharam para construir casas improvisadas. Informados dessa decisão do governo, indivíduos que já haviam visitado sua região de origem, poupados pelo terremoto, retornaram para se estabelecerem lá. Com o passar dos meses, as construções de casas concretas começaram a ser observadas. Outra nova favela é adicionada à longa lista de bairros anarquicamente construídos no país!

A figura 3 mostra modelos de abrigos que foram oferecidos pelos primeiros moradores do Canaan; esses abrigos, que não são nem tecnicamente eficientes, nem capazes de serem reconvertidos, são muito caros. Patrick Coulombel (2011) declara que: "o custo de um abrigo de cerca de 20 m^2 é de 3.360 euros em média (ou US$ 4.386), de acordo com os números da Comissão Interina de Recuperação do Haiti com base nos 114 mil abrigos já realizados". O preço de uma casa de alvenaria com reforços sísmicos é de cerca de 4 mil euros para uma área equivalente ou 20% a mais por uma família de baixa renda haitiana. Para fora, essa casa tem possibilidades de extensão, o que pode não ser o caso de um abrigo oferecido pelas certas organizações internacionais, canais "oficiais" que receberam a ajuda humanitária em lugar do governo haitiano.

Com os abrigos provisórios[6] começando a desmanchar e o aumento da população no entorno da área que foi decretada de utilidade pública, a velocidade da construção está criando um desafio para o desenvolvimento urbano de forma sustentável. Os recém-chegados ao espaço Canaan não estão usando normas de segurança para construir, por isso é importante que o governo municipal estabeleça as normas para construir com segurança. Entretanto, as organizações internacionais atuando ali dizem que a chave para o futuro bem-sucedido de Canaan é o reconhecimento do governo de que as pessoas que se estabeleceram lá não devem ser reassentadas. Assim, o governo haitiano e a Agência dos Estados Unidos da América para o Desenvolvimento Internacional (USAID) trabalham juntos no planejamento e nos investimentos em infraestrutura de pequena escala na comunidade (FRANKEL, 2016).

Todavia, em 2011, a ONU-Habitat-Haiti se opôs à ideia de criar Canaan nos arredores da capital, segundo o diretor desse organismo no Haiti, Jean-Christophe Adrian, entrevistado por Ayiti Kale Je em 2013. A cidade Canaan foi criada sob a pressão da comunidade internacional e o governo se opôs e disse que essa expansão da cidade de Porto Príncipe não era recomendada. Na época ficou muito claro que os militares dos EUA e o ator Sean Penn apoiavam a ideia, assim como o resto da comunidade internacional. No documentário *Assistência Mortal*, de Raoul Peck (2012), a ex-conselheira principal de Habitação à Comissão Interina para a Reconstrução do Haiti (CIRH), a americana Priscilla Phelps, indignada sobre a cidade Canaan e seu entorno, disse esperar que "quando escrever a história da Reconstrução do Haiti, a comunidade internacional faça um grande *mea culpa* sobre

6 As pequenas casas são construídas de qualquer jeito, o que pode ser chamado, segundo Gerald Émile (2013), de uma "urbanização selvagem", sem nenhuma infraestrutura, sem planejamento, água, eletricidade, saneamento básico ou estrada tracejada.

este espaço" (ALTER PRESSE/AYITI KALE JE, 2013, p. 15, apud DESROSIERS, 2016, p. 55).

Em 2018, após oito anos que se seguiram ao terremoto, os governos haitianos e os parceiros internacionais não apoiam o processo de urbanização de Canaan, que rapidamente se tornou o maior e mais ativo local de construção do país, ao ponto que se tornou o maior assentamento urbano no Haiti após 2010, construído inteiramente pelos próprios moradores sem técnicas ou apoio financeiro de parceiros municipais, estaduais ou internacionais. Além disso, Canaan não foi muito coberto por meios de imprensa internacionais ou nacionais, já que a maioria dos esforços de comunicação foi feita para destacar as "conquistas" das ONGs internacionais (distribuição de alimentos e água).

Outro discurso ideológico dessas agências é: "o Haiti é o país mais pobre[7] da América", pois a maioria das ONGs acredita que é importante mencionar este fato em seus websites como uma declaração introdutória ou justificativa para suas atividades no país. Entretanto, o foco na criação e na evolução de Canaan como a imagem mais marcante e visível na região metropolitana da cidade de Porto Príncipe depois do desastre foi combinado com planos para esvaziá-lo, deixando a evolução e a autoconstrução dessa área fora do centro das atenções.

7 Essa apresentação lacônica, semelhante a uma marca registrada para o país, é mais frequentemente acompanhada de um silêncio eloquente sobre as causas dessa pobreza. Em alguns casos, as explicações propostas sofrem, podemos dizer, de uma falta de objetividade. Essa apresentação do Haiti é motivada pelos interesses econômicos dessas organizações internacionais.

Figura 4. Moradias permanentes construídas pelos moradores de Canaan.



Fonte: organizado pelo autor, 2018.

A figura 4 mostra os tipos de moradia "permanentes" construídas pelos próprios moradores em Canaan, sem nenhuma regra ou técnica de construção, após os abrigos provisórios que foram oferecidos a esses moradores por algumas agências das organizações não governamentais internacionais serem destruídos pelas adversidades atmosféricas (chuva, ventos, sol). O que é normal, pois estes tipos de abrigo tiveram uma duração de 2 a 3 anos, apesar de, como já vimos anteriormente, cada um desses abrigos ter custado às vítimas do terremoto entre 2 mil e 3 mil dólares americanos.

Segundo Théodat (2013), de modo geral, no Haiti o desenvolvimento de bairros irregulares se espalha por toda parte das cidades, sem planejamento urbano e acesso aos serviços básicos limitados. É uma história comum que a maioria dos haitianos no espaço urbano sofra com a insalubridade, entre outros, criada por um *laissez-faire* geral, que está profundamente associado à falta de consideração pelas populações pobres. O processo de urbanização no Haiti, como em alguns outros países subdesenvolvidos, ocorre muito rápido, como mencionou o geógrafo Milton

Santos (1980), no seu livro intitulado A urbanização desigual. No Haiti, esse processo ocorre antecipadamente ao planejamento urbano, levando a problemas que, ao longo dos anos, geram condições de vida deterioradas e aumentam a vulnerabilidade ambiental às catástrofes naturais no espaço urbano. Os moradores[8] de Canaan ainda têm a esperança de que sua nova cidade possa se distinguir dos outros bairros irregulares que têm 30 ou 40 anos, o que alguns residentes deixaram de pensar, na medida em que Canaan se constrói a partir de iniciativas da população e continua se expandindo, além de as condições de vida serem difíceis nesta área diante a ausência de uma política pública para seu desenvolvimento. Como destacou Milton Santos:

> A cidade em si como relação social e como materialidade, torna-se criadora de pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico de que é o suporte como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias pessoas ainda mais pobres. A pobreza não é apenas o fato do modelo socioeconômico vigente, mas, também, do modelo espacial (SANTOS, 1993, p. 10).

Modo de ocupação do espaço urbano de Canaan após 2010

O espaço urbano, segundo Corrêa (1997), é o resultado da ação, muitas vezes conflitante, de diversos atores sociais. Entre os atores está o Poder Municipal, pois é a ele que cabe a função de ordenar e planejar o crescimento das cidades. Se o espaço urbano é um condicionante social, este é também condicionado socialmente e, seja pela ação ou omissão, é principalmente por meio do Estado que se dá este condicionamento. No caso da organização espacial de Canaan, é muito caótica, na medida em que a "cidade" cresce de forma não planejada; a ausência do Poder Público local acaba por facilitar bairros irregulares sem serviços e equipamentos, situações comuns de muitos *bidonvilles* em Porto Príncipe onde o abastecimento de água[9], saneamento básico, rede de esgoto, espaço verde, tratamento de água ou

8 Os moradores estão em uma situação na qual as cabanas são frágeis, as estradas enlameadas e não pavimentadas, há uma pilha de casas de concreto, construídas anarquicamente, uma urbanização descontrolada, pobreza, miséria e escassez de água potável. Canaan, sempre banhada de sol e quente, perdeu a oportunidade de ser uma cidade desenvolvida resultante de uma política pública de habitação. Mas o que surpreende, acima de tudo, é a vida que é reinventada, é a amarga vida diária dos habitantes que tentam sobreviver, apesar de si e apesar de tudo. Essa vasta área de lonas que foi o lar de milhares de vítimas após o terremoto cresceu e assina o declínio das autoridades estaduais, que não preveem nenhum plano real de reconstrução e desenvolvimento. Neste fluxo melancólico onde a vida não flui macia, a superpopulação é brutal. A esperança de um amanhã melhor não sopra.

9 Poças de água suja misturadas com lama, buracos e calçada não pavimentada onde os pedestres se encontram. O empilhamento de casas de concreto, construído sem controle estrito das autoridades municipais, que também brilha por sua ausência, prova mais uma vez a deriva urbana dessa nova

parques são quase inexistentes. Para o geógrafo Jean Marie Théodat (2012), o tecido urbano da cidade de Porto Príncipe é composto por dois terços de bairros não planejados, não necessariamente *bidonvilles*, mas de disposição anárquica. Para esse autor, a complexidade da organização espacial da cidade de Porto Príncipe reside na falta de controle da urbanização que conheceu o país, mesmo antes do desastre de 2010.

Figura 5. Vista área do espaço Canaan em 2016.



Fonte: http://www.aljazeera.com/indepth/features/2016/03/haiti-earthquake-start-canaan-surv

A figura 5 mostra a vista área do espaço Canaan, onde as respostas humanitárias, como lógicas autônomas não contextuais, podem participar, apesar delas, da amplificação dos problemas, como mecanismos de pressão de uma urbanização descontrolada. No entanto, a participação direta do Estado (Poder Municipal) na produção do espaço urbano se realiza por meio da criação de normas técnicas e jurídicas de ordenação e condicionamento das cidades. Entre estas normas estão as leis de parcelamento, zoneamento, uso e ocupação do solo urbano, as leis do sistema viário, as leis de posturas, os códigos de obras, o meio ambiente. Na ausência dessas normas, os novos residentes de Canaan tentaram se organizar o melhor que puderam. Graças às suas contribuições, eles conseguiram levar a eletricidade. Alguns deles, com certa capacidade econômica, construíram tanques de água e depois os revenderam ao público, um elemento muito precioso destinado a tantas tarefas, seja para uso doméstico, higiene pessoal, consumo, entre outros. Essa situação nos lembra da declaração de Philippe Mathieu, diretor da Oxfam

aglomeração.

Québec, no documentário Assistência Mortal dizendo que "não há nenhuma estrada, nenhum acesso, estamos criando, em uma terra onde poderíamos fazer um exemplo, a maior favela em Porto Príncipe". Para ele, Canaan foi criado sem planejamento, sem nenhum plano para dizer: "aqui estão as ruas, aqui está uma praça, aqui é uma obra" (PECK, 2012).

Entre os *bidonvilles*, que tiveram uma ocupação semelhante a Canaan na história da urbanização de Porto Príncipe, está a "Ravine Pintade": é uma das favelas mais antigas de Porto Príncipe, porém seu processo foi mais lento. As primeiras construções dessa favela são casas baixas com telhados de chapa metálicas, que gradualmente mudaram de aparência para moradias de concreto e pisos feitos sem recorrer a qualquer tipo de *expertise* e em total ignorância das regras da arte. O número de mortos na tragédia de 12 de janeiro mostrou isso. As estruturas dessas moradias não são confiáveis, se acumulam para formar "uma peça", que provavelmente será varrida pelo menor deslizamento de terra. O bairro tornou-se superpovoado e sua densidade populacional era de 25 mil km^2 por habitante antes do terremoto (IHSI, 2009).

Do ponto de vista local, a literatura científica sobre evolução dos *bidonvilles* no Haiti e, mais especificamente, em Porto Príncipe são muito frugais, com exceção de algumas teses sobre *bidonvilles* de Porto Príncipe (HOLLY, 1999; GOULET, 2006; LOUIS, 2009). Portanto, há pouca produção de conhecimento científico divulgada sobre a problemática urbana em Porto Príncipe e no Haiti como todo. Canaan, surgida em 2010, fora de todas as regras urbanísticas e arquitetônicas, tem características de bairro são análogas a outros *bidonvilles* já consolidados na região metropolitana de Porto Príncipe ao longo do processo de urbanização que conheceu o país nas últimas décadas.

Com efeito, na opinião pública local e internacional falaram de uma expansão urbana descontrolada, de um "desastre" (MORAN, 2015), "desenvolvimento urbano anárquico" (DÉCIME, 2012), uma "urbanização selvagem" (WATCH, 2013), uma ocupação do espaço "degradado e degradante" (NOEL, 2012), um "panorama de desordem, falta de planejamento" (DÉCIME, 2012), "desnaturação da paisagem e perigo ambiental para os habitantes" (NOEL, 2012). Para autores como Zidor (2012), Théodat (2013), Noel (2012), Watch (2013), Decime (2012) e Sérant (2011), Canaan já é percebido como gigantesco e preocupante, até mesmo como um hiper *bidonville* na região metropolitana da cidade de Porto Príncipe.

De acordo com a ONU-HABITAT (2017), a ocupação espontânea do espaço produziria necessariamente a estrutura de favela, e essa forma de urbanização não

seria apropriada devido à falta de espaço de comunicação resultante da ausência de planejamento, da qual Canaan seria uma vítima se não houver um padrão de rua (CLOS, 2014). Embora o Estado haitiano pareça preocupado com o futuro da zona até o ponto de dizer que um projeto seria elaborado por meio de um esquema de redesenho, sua presença e ação oito anos após a gênese do fenômeno não pode ser mais tímida. Como é o caso em outros bairros precários e favelas de Porto Príncipe, existe um claro risco de não reconhecimento e desengajamento (ou não compromisso) das autoridades haitianas (THÉODAT, 2013; COUET & GRANDIDIER, 2014) e de subinvestimento, ameaçando assim uma verdadeira degradação do espaço em longo prazo.

Canaan tornou-se o símbolo de uma reconstrução mal definida, de um tempo mal definido, na medida em que é a população que decide construir sua própria cidade, em busca de sobrevivência, não sendo o resultado de uma ação concertada no nível de tomada de decisão pelo governo municipal nem pelo governo central. Oito anos após o desastre, a preocupação dos habitantes desta área com as perspectivas futuras se reflete na implantação de um conjunto de ações que ampliam ainda mais a crise ambiental estrutural, aumentando os riscos e vulnerabilidades ambientais do espaço Canaan, como destaca Noel (2012, p. 6):

> Desde o início, uma vez que o caráter permanente de sua presença foi integrado, iniciativas de gestão ambiental foram iniciadas: autoconstrução, planejamento do sítio, delimitando parcelas, iniciando um conjunto de atividades para criar por si só um mínimo de serviços. Veremos, por exemplo, que esta área, quase deserta, já começa em menos de três anos a ter uma cobertura de arbustos. Canaan já é um bairro urbano popular que não é muito diferente de outros bairros que emergiram na região metropolitana de Porto Príncipe agarrando bairros irregulares.

A Região Metropolitana de Porto Príncipe mostra claramente o desenvolvimento de seu território não supervisionado pelas autoridades públicas, apesar das medidas legais previstas. Segundo dados do Instituto Haitiano de Estatística e de Informática (IHSI, 2015), antes do terremoto o Haiti já sofria de uma falta de habitação estimada em 300 mil unidades. O desafio de reconstruir habitação suficiente para os moradores de Porto Príncipe foi subestimado. O autoplanejamento e a autoconstrução pela população tanto em Porto Príncipe como em Canaan reflete o desejo de consolidar e viver em um ambiente urbano digno.

A dinâmica econômica em Canaan

Do ponto de vista da reprodução da desigualdade na economia urbana dos países mais pobres, os geógrafos passaram a analisar as cidades através de dois

subsistemas da economia urbana: o circuito superior ou moderno e o circuito inferior ou marginal (SANTOS, 1979). Para o autor, o que diferenciaria as atividades do circuito superior das atividades do circuito inferior seria a tecnologia empregada e o modo de organização do trabalho. Assim, o circuito superior mantém sua base diretamente relacionada à modernização tecnológica e aos grandes monopólios, detentores das novas tecnologias e de poder no mercado financeiro. Por sua vez, o circuito inferior é formado pelas atividades de pequena escala, como as dos pequenos comerciantes, mascates e vendedores ambulantes, voltados para o mercado de consumo local e para a população com menor mobilidade. Esse é um caso típico de Canaan, como mostra a Figura 6.

Figura 6. Mercado no centro de Canaan.



Fonte: organizado pelo autor.

Desse modo, as atividades econômicas de Canaan são principalmente dominadas pelo circuito inferior na interpretação da teoria dos circuitos da economia urbana para a realidade socioespacial da cidade, na medida em que,

quando observamos as atividades econômicas em Canaan, ali estão alinhadas lojas de materiais de construções, ferragens, salões de beleza ou pontos de cobrança por telefone (ver Fig. 6). À entrada de Canaan, há um mercado aberto que permite que os pequenos comerciantes locais vendam seus produtos agrícolas, como frutas e vegetais, além dos mercadores que expostos seus produtos alimentares para vender.

Considerações finais

A história da criação e da urbanização de Canaan é principalmente ligada ao terremoto de 12 de janeiro de 2010 e está hoje no centro dos desafios urbanos da região metropolitana de Porto Príncipe. Com efeito, Canaan é uma questão preocupante diante das condições de vida de seus moradores. Este artigo, portanto, procura fazer uma denúncia contra as ONGs internacionais, que receberam bilhões de dólares em nome das vítimas do desastre de 2010 e, ao mesmo tempo, chamar atenção das autoridades haitianas sobre a evolução de Canaan para que possam estabelecer um projeto de desenvolvimento urbano dessa área, considerando as necessidades básicas desta população ali tentando um recomeço depois de 2010.

Na verdade, após o terremoto, pelo apoio internacional ao Haiti, que culminou com a Conferência de Doadores para a Reconstrução do Haiti, em março de 2010, em Nova Iorque, EUA, Canaan deveria ser o ponto de partida da reconstrução do país, a partir de um projeto que ofereceria uma habitação digna aos moradores, além dos serviços e equipamentos urbanos para um desenvolvimento sustentável da área. Sem apoio direito ao governo haitiano, as ONGs internacionais foram responsáveis pelos fundos prometidos a Haiti. Canaan, como lugar de atuação dessas ONGs após o terremoto, apresenta-se hoje como uma problemática urbana a mais na região metropolitana da cidade de Porto Príncipe, muito carente, onde os habitantes estão privados de muitos dos seus direitos mais básicos.

Enfim, Canaan é o sinal do fracasso das organizações não governamentais internacionais na gestão de ajuda internacional e da decadência das autoridades públicas no Haiti, que abandonam os habitantes nessa área. Uma população inventando suas próprias condições de sobrevivência, nadando na incerteza de dias melhores. Canaan hoje oferece o triste espetáculo de sofrimento humano, exposto a todos os riscos tanto sociais como ambientais. Mas, diante sua expansão, qual é o futuro para Canaan? Quais são as políticas públicas que poderiam atender às necessidades socioeconômicas e ambientais de seus habitantes, oito anos após o início de sua formação?

Referências

ALTERPRESSE/AYITI KALE JE: *Haïti-Reconstruction: «Des centaines de millions» pour un immense bidonville*. 2013, Port-au-Prince. Disponível em: http://www.alterpresse.org/spip. Acesso em: 30 de out. de 2015.

BANCO MUNDIAL. *Agence d'aide au devéloppement in société civile*, 2011. Disponível em: http://web.woldbank.org . Acesso em: 20 de abr. 2015.

CLOS, J. *Les cahiers d'urbanisme du CIAT*. 2014. Disponível em: http://ciat.gouv.ht/sites/default/files. Acesso em: 25 de abr. 2016.

CORRÊA, R, L. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1993.

COULOMBEL, P. *Architectes de l'urgence*. Paris: L'Harmattan, 2011.

DAVIS, I. *Quelle vision de l'avenir pour l'hébergement en abris et le logement en Haïti?* Brèves observations sur l'état d'avancement de la reconstruction en Haïti après le tremblement de terre du 12 janvier 2010. 2011. Rapport de synthèse.

DÉCIME, E, F. *Haïti-Séisme 2 ans: «Le camp Canaan», terre promise ou misére dans un désert?* 2012. Disponível em: http://www.alterpresse.org/spip. Acesso em: 10 de dez. de 2014.

DESROSIERS, I. *Do Imperialismo de Estado ao domínio das Organizações Não Governamentais (ONGs): o Haiti após o terremoto de 2010*. Monografia. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2016.

GOULET, J. *L'organisation des services urbains: réseaux et stratégies dans les bidonvilles de Port-au-Prince* (Thèse de doctorat em Géographie). Université du Québec à Montréal. 2006.

IHSI. *L'évolution des conditions de vie en Haïti entre 2007 et 2012*. La réplique sociale du séisme du 12 janvier 2010. Port-au-Prince, 2014.

KATZ, J. M. *The Big Truck That Went By: How the World Came to Save Haiti and Left Behind a Disaster*. New York: St. Martin's Press, 2013.

LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. *O Direito à cidade*. São Paulo, Centauro, 2001.

MELAMED, M, M. A Lei de Moisés. São Paulo: Sefer, 2001.

MORAN, B. Haiti's political impasse a distant crisis for the disaffected poor. 2015. Disponível em: http://america.aljazeera.com/articles Acesso em: 22 de set. de 2017.

NOEL, R. *Reconstruction et environnement dans la région métropolitaine de Port-au-Prince: Cas de Canaan ou la naissance d'un quartier ex-nihilo*. Haiti: Urgence Réhabilitation Développement (Groupe URD), 2012.

ONU-HABITAT. *The challenge of slums: Global report on human settlements*. 2003. Disponível em: <http://www.google.ca/url?. Acesso em: 05 de jul. de 2017.

___. *Habitat III issue papers informal settlements*. Disponível em: http://fr.unhabitat.org/download/almana Acesso em: 20 de jun. de 2017.

___. *Almanach des Bidonvilles 2015/2016: Suivre l'Amélioration de la Qualité de Vie des Habitants des Bidonvilles*. 2016. Disponível em: http://www.alnap.org/resource. Acesso em: 05 de jul. 2017.

RAMACHANDRAN et al. *HAÏTI: Où est allé tout l'argent?* 2012. Disponível em: http://www.cgdev.org/doc/.pdf. Acesso em: 15 de nov. 2013.

RAOUL, P. *Assistência Mortal*, 2012: Disponível em http://nemesistv.info/video/127O9G7U78AY/assistance-mortelle. Acesso em: 20 de nov. 2016.

SEITENFUS, R. *Haïti est la preuve de l´chec de l'aide internationale*, 2010. Disponível em: http://www.letemps.ch/Page/Uuid/2a1b .Acesso em: 20 maio de 2015.

SMITH, A. *Interview: Prisoners on Their Own Islan*, CounterPunch 2011. Disponível em: https://www.counterpunch.org/2011/01/26/prisoners-on-their-own-island/. Acessado em: 01 jul de 2017.

SANTOS, M. *A urbanização desigual*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1980.

___. *A urbanização brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1993. 155p.

___. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: EDUSP, 1979.

___. *Espaço e sociedade: ensaios*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SÉRANT, C, B. *La boussole de Canaan: un arrêté présidentiel*. 2011. Disponível em: http://lenouvelliste.com/lenouvelliste. Acesso em: 12 de jan. de 2018.

THÉODAT, J, M. *Port-au-Prince en sept lieux*. Haïti, Sichuan, Fukushima - Etats d'urgence, Outre-Terre, (nº 35-36), pp. 123-15, 2013.

WELSH, T. *The Promised Land: 5 Years Later, Haitians find Hope in Canaan.* 2015. Disponível em: http://www.usnews.com/news/article. Acesso em: 15 de fev. de 2016

ZIDOR, K. *Canaan ou la faillite de l'État*. 2012. Disponível em: http://www.radiotelevisioncaraibes Acesso em: 30 de març. de 2014.

Sobre o autor

Ismane Desrosiers: é cientista social pela Université d'État d'Haiti (2011), bacharel (2016) e licenciado (2017) em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente, é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Geografia (Geografia Humana) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) e vinculado ao Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental (LABOPLAN/FFLCH-USP).

* * *

ABSTRACT

Haiti: a critical look at the Canaan urbanization process after 2010

This article aims to discuss the process of urbanization of Canaan in the context of the post-earthquake of 2010 in Haiti. In order to do this, we are looking for a critical analysis of the evolution of this area of the metropolitan area of the city of Port- au- Prince, where a chaotic urbanization process is taking place, evidenced by the consolidation of precarious neighborhoods built by individual initiatives by the earthquake victims of 2010. We will show how this process has impacted even more the urban problematic in the metropolitan region of Port-au-Prince. The methodology used in this work consists of a collection of information based on books, technical-scientific journals, periodicals and scientific articles, especially those that approached the Canaan question.

KEYWORDS: Urbanization, Canaan, Metropolitan Region of Port-au-Prince.

RESUMEN

Haití: una mirada crítica sobre el proceso de urbanización de Canaán después de 2010

Este artículo tiene como objetivo discutir el proceso de urbanización de Canaan en el contexto posterior al terremoto de 2010 en Haití. Para ello se realizá un análisis crítico de la evolución de esa área de la región metropolitana de la ciudad de Porto Príncipe en donde se está presentando un proceso de urbanización caótica, evidenciada por la consolidación de barrios precarios construidos por las iniciativas individuales por parte de la población que fue víctima del terremoto de 2010. Mostraremos como ese proceso viene impactando aún más la problemática urbana en la región metropolitana de Porto Príncipe. La metodología utilizada en el presente trabajo consiste en una recolecciín de informaciones basadas en los libros, revistas técnico científicas, periódicos y artículos científicos, en especial, lo que abordan la cuestión de Canaan.

PALABRAS CLAVE: Urbanización, Canaan, Región Metropolitana de Puerto Príncipe.

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg